

## KAVÁFIS NO BRASIL

*Antonio Carlos Santos*

*Nascido em Portugal, de pais portugueses,  
e pai de brasileiros no Brasil,  
serei talvez norte-americano quando lá estiver.  
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,  
se usam e se deitam fora, com todo o respeito  
necessário à roupa que se veste e que prestou serviço.  
Eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria  
de que escrevo é a língua de que por acaso de gerações  
nasci. (...)*  
Jorge de Sena

*A eles escuta agora o poeta e irriga o mar rebelde com  
azeite aromático*

Kalas

Um estrangeiro, como a própria palavra latina (*extraneus*) nos diz, é alguém de fora, estranho, que não é da família, alguém que migra, como aliás o vocábulo que do latim passou ao francês, e daí ao português; é, ainda, alguém que passa de um lado a outro, que se traduz, (meta + jerw), metáfora. Kaváfis poderia ser definido como um estranho cuja pátria era a língua que herdou dos pais e que estranhava misturando registros, a língua culta, *katharévousa*, e a língua do povo, *dimotiki*, para construir uma poesia que ultrapassou os muros de Alexandria e conquistou o mundo, uma poesia cujo cenário é a história, a sua e a do Helenismo. Nascido na cidade de Alexandre, de família rica, educado dos 9 aos 16 na Inglaterra, depois da morte prematura do pai em 1870, o poeta passou grande parte de sua vida como um desconhecido funcionário do Ministério da Irrigação, freqüentando à noite o bairro de má fama e amadurecendo os poemas que só seriam publicados em livro em 1935<sup>1</sup>, dois anos após sua morte devido a um câncer na laringe, em 1933, no dia mesmo em que completava 70 anos, 29 de abril.

Sua cidade, a outrora grandiosa Alexandria, vivia nestes tempos uma renovação provocada pelos investimentos estrangeiros e pela abertura do canal de Suez. Aos olhos de outro estrangeiro, o jovem Eça de Queiroz, então com 23 anos, a cidade não apresentava grandes atrativos:

---

<sup>1</sup> Publicado em Alexandria, em 1935, pela herdeira do poeta Rika Sengopoulou.

Eu, entretanto, pensava que ia pisar o solo de Alexandria. Estávamos talvez na mesma água em que outrora tinham fundeado as galeras de vela de púrpura, que voltavam do Áccio! Oh! Alexandria, velha cidade grega, velha cidade bizantina, onde estás tu? Onde estão os teus quatro mil banhos, os teus quatro mil circos, e os teus quatro mil jardins? Onde estão os teus dez mil mercadores, e os doze mil judeus que pagavam tributo ao santo califa Omar? Onde estão as tuas bibliotecas, e os teus palácios egípcios, e o jardim maravilhoso de Ceres, oh! cidade de Cleópatra, a mais linda das Lágidas. Estavas diante de mim: e eu via construções vastas, desmoronadas e negras, feitas do lodo do Nilo, um lugar enlameado e imundo cheio de destroços, uma acumulação de edificações miseráveis e inexpressivas!<sup>2</sup>

Eça chegou à cidade em 5 de novembro de 1869, quando Kaváfis tinha seis anos e ainda vivia o luxo e o conforto de uma das mais ricas famílias de comerciantes do lugar. Seu pai, Petros Ioanou (Pedro João), que comerciava com algodão e trigo e possuía com um irmão a firma Cavafy and Co., foi condecorado neste mesmo ano de 1869, durante a abertura do canal de Suez, com a ordem Mejidieh, por Ismail Pasha.<sup>3</sup>

Caberia a outro português estrangeiro, Jorge de Sena, trazer Kaváfis para o Brasil e para a língua portuguesa. O caminho até ela passou, no entanto, antes por outras línguas. Devemos em grande parte ao romancista E.M. Forster, este inglês que gostava de submeter seus compatriotas ao convívio com o outro, com o diferente, em suas narrativas, a migração da fala de Kaváfis para os leitores ingleses: T.S. Eliot, Toynbee, Auden estavam entre os leitores privilegiados do poeta. Seu primeiro ensaio sobre o poeta de Alexandria sai em 25 de abril de 1919 no jornal *The Atheneum* (“The poetry of C.P. Cavafy”<sup>4</sup>), quando já havia deixado Alexandria, onde permaneceu de 1915 a janeiro de 1919 trabalhando para a Cruz Vermelha. Ajudou ainda a colocar traduções de seu amigo, o advogado George Valassopoulos, em jornais ingleses: em 1923-24, dois poemas em *The Nation* e *The Athenaeum*, um em *The Criterion* (editado por T.S. Eliot), e quatro em *Oxford Outlook*. Mas foi apenas depois da morte do poeta e da edição em grego de sua obra (1935) que John Mavrogordato começou a verter para o inglês o cânon kavafiano. O trabalho, que havia sido iniciado em 1937, só foi publicado em 1951 (*Poems by C.P. Cavafy*). Em francês, coube a Marguerite Yourcenar, com a ajuda de Constantinos Dimaras, publicar em jornais e revistas os poemas de Kaváfis a partir

---

<sup>2</sup> QUEIROZ, Eça. “O Egípto”. In. *Obras de Eça de Queiroz*, volume III, Porto: Lello & Irmão-Editores, 1979, p. 693.

<sup>3</sup> Cf LIDDELL, Robert. *Cavafy/ a biography*. New York : Shocken Books, 1976, p.24 e TSIRKAS, StrathV. *O KavafisV kai h epoch tou. Aqhna: EkdoseiV KerdoV*, 1995, s. 63.

<sup>4</sup> Publicado posteriormente, 1923, em *Pharos and Pharillon*, pela Hogarth Press, editora de Virginia Woolf e de seu marido, Leonard.

dos anos 40: em *Mesures*<sup>5</sup> (15 de janeiro de 1940); depois, em 1944, em *Fontaine*; em abril 1954, em *Table Ronde*, e em maio em *Preuves*<sup>6</sup>.

O público de língua portuguesa deve ao poeta, escritor e professor Jorge de Sena a primeira versão dos poemas do alexandrino. É o próprio poeta português que lembra o fato ao escrever um artigo para o *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*, em 28 de junho de 1962:

Apliquei-me à tradução para o português dos seus poemas, e guardo como das melhores recordações da minha vida literária o convívio e a correspondência com aquele velhinho infatigável e extravagante, o dr. Mavrogordato, a quem fiquei devendo esclarecimentos, correções, verificações, e as fotografias inéditas de Cavafy que possuo. Feitas pelo texto de Mavrogordato, ignorante que sou de qualquer grego antigo ou moderno (para lá daquelas palavrinhas que o estudo da filosofia nos obriga a saber), as minhas traduções foram, com o auxílio dele, conferidas pelos originais, esses originais escritos numa língua viva para Cavafy, mas estranha mesmo para os gregos modernos, cuja crítica nunca abundou em reconhecer àquele vagabundo (que o era) de Alexandria, grandeza comparável à clamorosamente oferecida a ‘modernos’ como Seferis ou Palamas.

Esta primeira tradução para o português, portanto, foi feita através do inglês e não do grego pelo poeta que aqui havia chegado em 1959, fugido da ditadura salazarista e que daqui também iria fugir, seis anos depois, por causa de outra ditadura, para os Estados Unidos. O desconhecimento da língua grega está explicitado no poema “Em Creta, com o Minotauro”: “Também eu não sei grego, segundo as mais seguras informações.” É sintomático que a poesia de um estrangeiro como Kaváfis chegue ao Brasil pelas mãos de um estrangeiro como Sena, constantemente atravessado pelo tema do exílio: “(...) Nem eu, nem o Minotauro,/ teremos nenhuma pátria”. Kaváfis poderia, mesmo, assinar os versos de Sena e dizer “A pátria de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações nasci”.

A princípio, Jorge de Sena publicou, em 9 de julho de 1953, no *Suplemento Literário* de *O Comércio do Porto*, um longo ensaio de apresentação seguido da tradução de cinco poemas; a 8 de setembro, mais sete poemas, entre eles “Deus abandona Antonio” e “Reis de Alexandria”; em 22 de dezembro, no mesmo jornal, “Não compreendeste”, dentro de um ensaio que está no volume *O poeta é um fingidor* (Ática, Lisboa, 1961). Ao todo foram 13 poemas. Mais tarde, em 1969, iria publicar em

---

<sup>5</sup> Editada por Jean Paulhan, também editor da *Nouvelle Revue Française*.

<sup>6</sup> O livro, *Poèmes*, com uma *Présentations critique par Marguerite Yourcenar*, foi publicado em 1958 pela Gallimard.

livro (*90 e mais quatro poemas, Constantino Cavafy*) cerca de dois terços da obra canônica do poeta alexandrino e mais alguns dos “inéditos”.

Seu artigo para o *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo* contém a tradução de “A espera dos bárbaros” que assim chega ao Brasil no início da década de 60, um momento de conflito entre o fortalecimento dos laços com o capitalismo internacional e a força utópica de setores da esquerda.

O que esperamos nós em multidão no fórum?  
Os Bárbaros, que chegam hoje.  
Dentro do Senado por que tanta inação,  
Se não estão legislando, que fazem lá dentro os senadores?  
É que os Bárbaros chegam hoje.  
Que leis haviam de fazer agora os senadores?  
Os Bárbaros quando vierem ditarão as leis.

Poema dos mais traduzidos de Kaváfis, que ganharia, pela pena de Haroldo de Campos<sup>7</sup> a seguinte versão:

— Que esperamos, reunidos na ágora?  
É que hoje os bárbaros chegam.  
— Por que tanta abulia no Senado?  
Por que assentam os Senadores? Por que não ditam normas?  
Porque os bárbaros chegam hoje.  
Que normas vão editar os Senadores?  
Quando chegarem, os bárbaros ditarão as normas.

Nesta tradução, Haroldo, que havia comprado em Atenas em 1975 a edição de Savídis<sup>8</sup> com os 154 poemas canônicos de Kaváfis, optou por estranhar o original, inserindo no último verso — Οι άνθρωποι αυτοί ήσαν μια κάποια λύσις, traduzido por Sena como “Essa gente era uma espécie de solução.” — uma alusão a Drummond<sup>9</sup> — “Essa gente não rimava conosco, mas já era uma solução”.

Os bárbaros como solução para uma civilização cansada, para a qual era preciso descobrir novas rimas que ajudassem a fulgurar, a mudar no momento mesmo do

<sup>7</sup> Cf CAMPOS, Haroldo. Kaváfis: Melopéia e Logopéia. In. *Território de tradução, Remate de Males 4*. Campinas: Unicamp/ FUNCAMP, 1984, p.119.

<sup>8</sup> KABAFH, K.P. *Ta Poihmata*. Aqhna: IKAROS EKDOTIKH ETAIRIA, 1995.

<sup>9</sup> No “Poema de sete faces”, Drummond diz: “Mundo mundo vasto mundo,/ se eu me chamasse Raimundo/ seria uma rima, não seria uma solução.” Cf. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião. 10 livros de poesia de Carlos Drummond de Andrade. Introdução de Antonio Houaiss*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973, p.3.

perigo, na iminência da queda, da decadência. E é esta “expectativa de pavor”, esta “aspiração profunda à catástrofe” que leva Antonio Candido ao mesmo poema na abertura de seu ensaio “Quatro esperas”<sup>10</sup> em que trata de Kaváfis, Kafka, Buzzati e Gracq. O mesmo livro de Buzzati, *Il deserto dei Tartari* (1940), que Candido analisa em sua terceira espera — “Na Fortaleza” — veio à lembrança de Otto Maria Carpeaux ao escrever “Kaváfis e os bárbaros” cerca de um mês antes de Jorge de Sena, no mesmo *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*<sup>11</sup>. Neste artigo, aliás, encontra-se a gênese do ensaio de Candido, pois Carpeaux, ao lembrar de Buzzati, chama o romance de “terrível romance kafkiano”, montando desde então a constelação que o crítico da USP iria mais tarde desenvolver. Kafka, nos informa ainda Carpeaux, já havia sido sugerido como analogia para Kaváfis por Eugenio Montale, também tradutor de “À espera dos bárbaros”<sup>12</sup>.

O poeta seria ainda tema de um artigo de Lívio Xavier, na coluna *Revista das Revistas* do *Suplemento Literário* de *O Estado de São Paulo*<sup>13</sup>, que informava sobre a publicação, em francês, na *Revista de Atenas*, de um ensaio do adido à Embaixada da Grécia, em Paris, Rodis Roufos. Nele, o articulista contrapõe Kaváfis, poeta urbano sofisticado, pouco conhecido então fora de seu país, a Kazantzakis, o autor de *Zorba*, e ligado “às paixões elementares e primitivas de uma Grécia rural e primitiva”.

A par com a ironia que constrói em relação ao luxo e a ritualização de uma sociedade desgastada, Kaváfis promove em muitos de seus poemas a encenação inútil e vazia de um momento de clausura, em que não podemos abandonar velhos hábitos, mesmo não acreditando mais neles. José Paulo Paes aproxima esse momento de clausura ao decadentismo simbolista de fim de século<sup>14</sup>, a um cansaço, a uma exaustão que, sem grande esforço, poderíamos reeditar neste início de século XXI. Paes leu Kaváfis pela primeira vez em 1964, em francês. Só no final da década de 70 e início de 80 pode apreciá-lo em grego, verter 75 poemas para o português e publicá-los em *Poemas*. Em *Poesia Moderna da Grécia*, de 1986, já havia traduzido 15; um ano antes,

---

<sup>10</sup> Cf. CANDIDO, Antonio. “Quatro Esperas”. In. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1993, p.153. Publicado originalmente em *Novos Estudos Cebrap* n° 26, 1990.

<sup>11</sup> O artigo de Carpeaux é de 26 de maio de 1962.

<sup>12</sup> MONTALE, Eugenio. *Tutte le poesie*. A cura di Giorgio Zampa. Milano: Arnoldo Mondadori Editore, 1984. A tradução dos ‘Bárbaros’ está no “Quaderno di Traduzioni”. Montale escreveu ainda o poema “Leggendo Kavafis” (“Quaderno di QuattroAnni”).

<sup>13</sup> Intitulado “*Kaváfis e a música da decadência*”, o artigo saiu na seqüência de um comentário sobre os 50 anos dos *Cahiers du Sud*, a 21 de dezembro de 1963.

<sup>14</sup> Cf. o ensaio “Lembra, corpo”, do poeta e multitrador da geração de 45 em KAVÁFIS, Konstantinos. *Poemas. Seleção, estudo crítico, notas e tradução direta do grego por José Paulo Paes*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

ainda, havia saído em *Gregos e baianos* a tradução de “Κρυμμένα” (“Coisas Ocultas”), em um ensaio, “Sobre um poema não canônico de Kaváfis”: tratava-se de um dos 75 poemas inéditos que só foram publicados em 1968, em volume da Ikaros, de Atenas, sob os cuidados de Savídis. O poema trabalha com o tema da pedra no meio do caminho, aqui “um obstáculo” (empodio):

De tudo quanto fiz e quanto disse,  
não procurem saber quem eu era  
Um obstáculo havia e transformou  
Os meus atos e o meu modo de viver.  
Um obstáculo havia e me deteve  
Cada vez em que eu ia falar.

A sensação de sufoco, de estar cercado, é um tema recorrente que aparece, por exemplo, em um poema, “Muros” (Teich, palavra que em grego soa igual a Tuch, sorte, destino):

Sem cuidado nenhum, sem respeito nem pesar,  
ergueram à minha volta altos muros de pedra.

E agora aqui estou, em desespero, sem pensar  
noutra coisa: o infortúnio a mente me depreda.

Kaváfis foi traduzido ainda por um grego que chegou a São Paulo em 1949, ou melhor, como diria mais tarde Haroldo de Campos, um “psicanalista junguiano-heideggeriano greco-turco”, Theon Spanudis, poeta, colecionador e crítico de arte. O livro, *77 poemas de konstantinos kaváfis*, editado pela Kosmos em 1978, traz principalmente os poemas eróticos, e alguns dos que Spanudis chama de simbólico-filosóficos. Na introdução, o tradutor justifica suas escolhas mergulhando no tema do declínio:

O nosso poetas que começou em 1958 e durou até agora, está expirando após sua intensíssima atividade de 20 anos. Começou em 1958 inesperadamente em Salvador, Bahia, e continuou depois em São Paulo, primeiro com versos portugueses, mais tarde gregos e mais tarde alemães. Poetamos durante estes vinte anos nas três línguas concomitantemente e ininterruptamente. Agora nos sentimos esgotados.

Spanudis, que nasceu em Esmirna em 1915, cidade que assistiria 10 anos mais tarde à fuga em massa dos gregos da Turquia, e estudou psicanálise em Viena<sup>15</sup>, qualifica seu trabalho como “um sutil adeus a este surto poético” que havia rendido os 16 livros reunidos em *Poética*, de 1975<sup>16</sup>.

Além dos 154 canônicos e dos 75 inéditos, Kaváfis teria publicado também, novamente por Savídis, 27 dos *Αποκηρυγμένα*, poemas que saíram em jornais e revistas de 1886 a 1898, sendo posteriormente rejeitados (*αποκηύσσω*) pelo autor. Um destes, *O OidipoV* (Édipo), de 1896 e feito sobre o quadro de Gustave Moreau, ganhou em português duas traduções: uma de Henrique Cairus, na revista *Inimigo Rumor* nº 3 (dezembro de 1997), e outra de Haroldo de Campos, que aparece como epígrafe da tradução de *Édipo Rei*, de Sófocles, realizada por Trajano Vieira (Perspectiva, 2001).

Kaváfis faz ainda uma aparição em um livro de teoria, a tese de doutorado de Italo Moriconi, *A provocação pós-moderna*<sup>17</sup>, que além de professor e ensaísta é poeta. O poema que ele escolheu, e que está à página 48 como epígrafe de uma parte intitulada *Geração 68*, chama-se *Oi tarantinoi diaskedazoun* (1898) e pertence aos *Apokhrugmena*. Como em muitos versos do alexandrino, também aqui uma nuvem ameaça a diversão dos jovens de Terento: enquanto eles gozam e se divertem os senadores armam o momento do ataque. Pela bibliografia, ficamos sabendo que Italo traduziu o poema da tradução de Jose Maria Alvares para o espanhol<sup>18</sup>.

O leitor brasileiro que se aventura na poesia de Kaváfis tem ainda a possibilidade de buscar uma outra tradução portuguesa, a de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis, publicada em 1994<sup>19</sup>, o que demonstra o contínuo interesse na obra do alexandrino. Em edição bilíngüe, o livro traz uma nota introdutória em que os autores nos alertam que os poemas traduzidos foram aqueles deixados de

---

<sup>15</sup> Segundo o *Dicionário de Psicanálise*, de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, Theon Spanudis chegou a Viena em 1933, sendo analisado por August Aichhorn, e, posteriormente, por Otto Fleischman, integrando-se a IPA (International Psychoanalytic Association). Como a IPA não admitia então homossexuais, teve de deixar a instituição em 1950, encerrando sua prática clínica.

<sup>16</sup> O livro, publicado também pelas Kosmos, está dividido em duas partes: na primeira, estão “hinos” (1963), “liturgias” (1965), “seixos” (1967), “onze poemas barrocos”, “Astros”, “Poentes”, “eritrinas”, “cantigas”, “dizeres limítrofes”, “o mar (um dodecáptico)” e “poemas avulsos”; na segunda, “dez poemas concretos”, “à margem”, “poems”, “poeme”. O autor dedica o livro “ao povo brasileiro” e estampa em letras graúdas a explicação: “cujas religiões dançantes e pagãs (dos afrobrasileiros e ameríndios) me proporcionaram algo da alegria metafísica da Grécia antiga e pagã, pátria dos meus antecedentes, e cujo sangue pagão em minhas veias reacendeu-se em contato com o paganismo vibrante, festivo e sincrético do povo brasileiro”.

<sup>17</sup> Publicado pela Diadorim e UFRJ em 1994.

<sup>18</sup> KAVAFIS, Konstantino. *65 Poemas Recuperados*. Trad. Jose Maria Alvares. Madrid: Hipérion, 1979.

<sup>19</sup> KAVAFIS, Konstandinos. *Poemas e prosas*. Trad. Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis. Lisboa: Relógio D'Água, 1994.

lado por Jorge de Sena, a quem, aliás, dedicam o trabalho. Avisam ainda que não têm nenhum interesse nas teorias de tradução: “Nenhum de nós está interessado — ou sequer acredita — em teorias de tradução. Apenas sabemos que nos devemos sentar, deixar os idiomas trocarem-se entre nós e lutar pela maior proximidade (lexical, sintática, de pontuação, prosódica) possível”.

Se comparadas às traduções inglesas, temos em português ainda poucas opções de traduções de Kaváfis; mas vale lembrar que o interesse pela obra kavafiana vem crescendo o que nos faz esperar outras investidas em breve.